

RESENHA:

Os sete saberes necessários à educação do futuro

Fabiana Pinto de Almeida Bizarria (UNIFOR) - fabiana.almeida@unilab.edu.br

DOI: 10.28998/2175-6600.2015v7n13p168

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessário à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

No livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro” de Morin (2000), são aborda dos os seguintes temas: as Cegueiras do Conhecimento; o Erro e a Ilusão; os Princípios do Conhecimento Pertinente; Ensinar a Condição Humana; Ensinar a Identidade Terrena; Enfrentar as Incertezas; Ensinar a Compreensão; e a Ética do Gênero Humano.

Sobre o primeiro tópico Morin (2000 p. 14) assegura o seguinte “é impressionante que a educação que visa a transmitir conhecimentos seja cega ao que é conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer”. Além disso, Morin (2000) afirma que “o conhecimento não pode ser considerado uma ferramenta “ready made”, que pode ser utilizada sem que sua natureza seja examinada. Da mesma forma, o conhecimento do conhecimento deve aparecer como necessidade primeira” (MORIN, 2000, p.14). Assim, “é necessário introduzir e desenvolver na educação estudo das características cerebrais, mentais, culturais dos conhecimentos humanos, de seus processos e modalidades, das disposições tanto psíquicas quanto culturais que o conduzem ao erro ou à ilusão” (MORIN, 2000, p.14).

Morin (2000, p. 19) distribui suas reflexões em tópicos. No primeiro no capítulo cita o “calcanhar de Aquiles do conhecimento”, que se desdobra da discussão sobre erros mentais, erros intelectuais, erros da razão, nas cegueiras paradigmáticas. “A

Debates em Educação

educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão [...]” (MORIN, 2000, p.20). Enfatiza ainda que “o conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados pelos sentidos”. Assim resultam “inúmeros erros de percepção que nos vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão” (MORIN, 2000, p.20).

O tópico “Imprinting e a normalização”, é compreendido a partir de seus termos. “O 'imprinting'” cultural marca os humanos desde o nascimento, primeiro com o elo da cultura familiar; depois da cultura da escola, prosseguindo pela universidade e na vida profissional”. (MORIN, 2000, p.28). Já o “o imprinting cultural, marca matricial que inscreve o conformismo a fundo, e a normalização que elimina o que poderia contestá-lo” (MORIN, 2000, p.28).

Morin (2000, p. 28), prossegue apresentando a noção da “noologia: possessão”. Ao citar Marx sobre “os produtos do cérebro humano têm o aspecto de seres independentes, dotados de corpos particulares em comunicação com os humanos e entre si”. Morin está se referindo às “crenças e ideias não que são somente produtos da mente, mas também seres mentais que têm vida e poder; e assim, podem possuir-nos”.

Sobre o aspecto do “inesperado” (MORIN, 2000, p.30), o autor afirma que “surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e ideias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar”.

Morin (2000, p.35) faz uma abordagem sobre “os princípios do conhecimento pertinente”, e afirma que “existe um problema capital, sempre ignorado, que é o da necessidade de promover o conhecimento capaz de aprender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais” (MORIN, 2000, p.14). Assim, “a supremacia do conhecimento fragmentado [...] impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto” (MORIN, 2000, p.14). Nesse caso “é

Debates em Educação

necessário desenvolver a aptidão natural do espírito humano para situar todas essas informações em um contexto e um conjunto. É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo” (MORIN, 2000, p.14).

Segundo Morin (2002, p.35), “para articular e organizar os conhecimentos e, assim, reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento”. Além disso, este autor defende que “essa reforma não é programática, mais sim, paradigmática - é questão fundamental da educação, já que se refere à nossa aptidão para organizar o conhecimento”.

Sobre a “inteligência geral”, Morin (2000, p.39) afirma que “o desenvolvimento de aptidões gerais da mente permite melhor desenvolvimento das competências particulares ou especializadas”. Dessa forma, “quanto mais poderosa é a inteligência geral, maior é sua faculdade para tratar de problemas especiais”. O autor acrescenta que “a compreensão de dados particulares também necessita da ativação da inteligência geral, que opera e organiza a mobilização dos conhecimentos de conjunto de cada caso particular”.

No que diz respeito aos “problemas essenciais” (MORIN, 2000, p.41) a “Disjunção e especialização fechada - hiper-especialização impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas) quanto do essencial (que ela dissolve)” (MORIN, 2000, p.41). E a

[...] redução e disjunção - o princípio da redução (limitar o conhecimento do todo ao conhecimento de suas partes) leva naturalmente a restringir o complexo ao simples. Aplica às complexidades vivas e humanas a lógica mecânica e determinista da máquina artificial [...]. Como nossa educação sempre nos ensinou a separar, compartimentar, isolar, e não unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeças ininteligível (MORIN, 2000, p.42).

Morin (2000, p. 15) nos lembra que “o ser humano é a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa na natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano”. Além disso, ensina que “é preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome

Debates em Educação

conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos” (MORIN, 2000, p.15). Assim, “desse modo, a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino” (MORIN, 2000, p.15).

No sentido do desenvolvimento do ser humano “a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana [...]. Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele” (MORIN, 2000, p.47). Desse modo, “todo o conhecimento deve contextualizar seu objeto para ser pertinente; “quem somos?” é inseparável de “onde estamos”, “de onde viemos”, para “para onde vamos?” (MORIN, 2000, p.47).

Sobre o ensino da “identidade terrena”, Morin (2000, p.15), afirma que “o conhecimento dos desenvolvimentos da era planetária, que tendem a crescer no século XXI, e o reconhecimento da identidade terrena, que se tornará cada vez mais indispensável a cada um e a todos, devem converter-se em um dos principais objetos da educação” (MORIN, 2000, p.15).

Para enfrentar as “incertezas”, Morin (2000, p.15), sustenta que “a educação deveria incluir o ensino das incertezas que surgiram nas ciências físicas (microfísicas, termodinâmica, cosmologia), nas ciências da evolução biológica e nas ciências históricas”. (MORIN, 2000, p.15).

Segundo Morin (2000, p.94), “há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva”. O autor afirma que “compreender significa intelectualmente apreender em conjunto [...]. A compreensão intelectual passa pela inteligibilidade e pela explicação”. Enfatiza que “explicar é considerar o que é preciso conhecer como objeto e aplicar-lhe todos os meios objetivos de conhecimento. A explicação é, bem entendido, necessária para a compreensão intelectual ou objetiva”. (MORIN, 2000, p.94).

No tocante à educação o autor acrescenta ainda que existem alguns obstáculos que dificultam a compreensão intelectual, como por exemplo “o “ruído” que interfere na transmissão da informação, criando o mal-entendido e ou não-entendido, [...] a polissemia de uma noção que, enunciada em um sentido, é entendida de outra

Debates em Educação

forma”. Morin (2000, p.95) afirma que “existe a impossibilidade, enquanto visão de mundo, de compreender as ideias e os argumentos de outra visão de mundo, assim como uma ideologia/filosofia compreender outra ideologia/filosofia; - existe, enfim, a impossibilidade de compreensão de uma estrutura mental em relação a outra”.

Sobre a ética da compreensão, Morin (2000, p.99) nos ensina que “é a arte de viver que nos demanda, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado. Demanda grande esforço, pois não pode esperar nenhuma reciprocidade. [...] A ética da compreensão pede que compreenda a incompreensão”.

Morin (2000) aborda os temas fundamentais para a educação contemporânea, de forma poética e ilustrativa. A discussão proposta por ele deve fazer parte de debates sobre políticas educacionais e devem permear diálogos sobre o desenvolvimento do ser humano tanto cognitivamente, mas afetivamente e socialmente, pois esses aspectos, ao meu ver, estão intrínsecos ao conceito de cidadania.